

1999

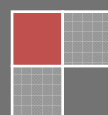
Vírus Sagrado

Linhas Cruzadas, ano 2, nº 12, pp 52-53

Miguel Vale de Almeida

MIGUELVALEDEALMEIDA.NET

2007



O Vírus Sagrado

- O professor é o maior especialista no fenómeno do “Vírus Sagrado”. Pode resumir para os nossos leitores a história deste caso?
- Tudo começou com o “Incidente de Jerusalém”. Um jornalista de lá recebeu um fax que tinha escrito: «Existo. Assinado: Deus». Ele ligou para o número do remetente, mas atendeu uma dona de casa argentina! Depois, verificou que os vários faxes tinham origens diferentes: uma loja de tapetes em Bagdade, uma empresa de *import/export* em Lisboa, etc.... Dias depois, um jornalista francês publicava um artigo sobre um episódio igual e a CNN descobriu que o mesmo estava a acontecer em centenas de redacções, casa, empresas no Mundo inteiro...
- E a mensagem era sempre a mesma?
- A princípio sim, mas depois percebeu-se que as havia assinadas por divindades das mais variadas religiões.
- E foi o professor quem apelidou o fenómeno de “Vírus Sagrado”. Porquê?
- Bem, eu tentei perceber à pressa o que estava a passar-se. Era evidente que não se tratava de uma piada orquestrada. Pensei então na hipótese de se tratar de um vírus informático sofisticado que se mutava por si só.
- Mas o fenómeno deixou de ter graça em dois tempos.
- Claro. Os fanáticos religiosos começaram a dizer que se tratava de Deus – ou dos deuses – tentando comunicar connosco. Foram curiosas as conversões em massa das pessoas ligadas à informática e às comunicações. Eles já estavam na fronteira do misticismo ao trabalharem com o “virtual”. Daí a acharem que Deus é comunicação foi um passo.
- Que outras consequências teve o fenómeno?
- Tornou-se numa catástrofe económica, com o enyupoiamento das comunicações. As Igrejas entraram em crise, porque mais de 10.000 divindades enviaram mensagens! Claro que a consequência mais mediatizada foi a resignação do Papa.... Parece que ele já não suportava receber mensagens. Um dia o telemóvel dele começou a tocar sem parar. Pediram-me que fizesse uma peritagem e descobri que o que se ouvia era só estática mas sempre com o mesmo padrão de ruídos...
- Quer dizer que primeiro foram mensagens de fax e e-mail, só depois telefónicas?
- Exacto. E o mais curioso é que ao telefone não se ouvia nenhuma voz. Como se “eles” (ou “Ele”, ou “Ela”) não dominassem bem a linguagem humana. Já as mensagens escritas eram muito toscas. Por exemplo, a mais comum em português era “Mim ser lá”, o que interpretámos como querendo dizer “Eu existo algures”.
- Voltando ao Papa...
- O Papa resignou na sequência de uma experiência que eu propus. Comecei a abandonar a ideia de se tratar de um vírus, pois com os telefonemas isso já não fazia sentido. Admiti a hipótese de se tratar mesmo de divindades. Então lembrei-me de propor ao Papa que tentasse comunicar com quem estava do outro lado (já se tentara, mas aparentemente “eles” não conseguiam nem ouvir nem ler os nossos recados). Ele aceitou de mau-grado. A tensão era enorme, pois o pessoal do Vaticano não acreditava que desse resultad. Esperámos por uma

chamada, o Papa atendeu o telefone, ouviu a sequência de ruídos e depois... depois começou a falar em latim. Nada. Tentou o hebraico. Nada. Lembro-me de o ver corar. No dia seguinte resignou ao cargo. Que, como sabe, continua por ocupar.

- Mas não foi só o papa...
- Claro que não. Caíram Igrejas, regimes políticos, religiosos. Muitas pessoas começaram a ler os e-mails com reverência, organizaram-se cultos em torno das chamadas telefônicas, “chats” místicos, montaram-se altares caseiros com os faxes em cima de almofadas de veludo roxo, enfim...
- E o professor, que fez?
- Eu andava desesperado. Já não tinha maneira científica de resolver o enigma. O recurso ao Papa também falhou. Ainda rfecorri a sacerdotes de outras religiões, xamanes, videntes, a coisa toda. Nada. Não conseguíamos responder ao remetente, por assim dizer. A única novidade era que a mensagem passava por cada vez mais meios: telefone, telemóvel, fax, e-mail, Internet, satélites, rádio...
- Televisão?
- Nunca como imagem. Isso não. O que hoiuve foram as famosas interrupções das emissões em que apareciam riscas nos ecrãs, sempre no mesmo padrão. Os humoristas chamaram-lhe o “tempo de antena”: repetitivo, chato e na pior hora. Mas foi essa canibalização dos meios de comunicação que me fez ter esperanças de que pudesse acontecer um progresso estrondoso: a interferência na mente humana. Imagine o que não teria sido se “eles” (ou “Ele”, ou “Ela”) tivessem conseguido entrar nos nossos pensamentos. As vantagens teriam sido enormes.
- A que nível?
- Empresarial, claro! Repare: desde que as mensagens começaram a inundar o planeta as empresas de comunicações viram os seus lucros disparar, porque as chamadas e ligações eram sempre cobradas a alguém. Então, se houvesse telepatia, poder-se-ia ter fundado uma empresa para gerir esse tipo de comunicação...
- Uma TELEPAT...
- Como assim?
- Uma TELEPAT: Comunicações Telepáticas, S.A.
- Claro, era nisso mesmo que eu estava a pensar. Só que o que qconteceu foi outra coisa...
- O “Incidente de Lourdes”?
- Exactamente. No primeiro aniversário do “Incidente de Jerusalém” um padre do santuário começa a receber uma mensagem um pouco diferente. Essa mensagem veio a substituir a anterior em todo o Mundo. Já não era só “Mim ser lá”. Agora dizia “Mim ser lá. Chamar Mim!!!”
- Estavam a pedir que fossem contactados?
- Isso, queriam que retribuíssemos as chamadas, e por aí fora. Foi então que os atendedores de chamadas começaram a ser inundados por esta nova mensagem. E aqui é que eu acho tudo isto muito estranho, porque nós tínhamos passado um ano inteiro a tentar fazer isso mesmo. Mas não havia maneira. Se eu respondesse a um e-mail, por exemplo, ia dar ao endereço de um inocente qualquer, não a um deus. E “eles” não nos davam o endereço... Como é que o podíamos adivinhar? «Deus@God.pt»? E porquê “pt” se não era necessariamente em Portugal? Ou sequer na Terra. Nós não temos uma extensão para o domínio do Universo, tipo «.un», ou coisa que o valha! As mensagens tornaram-se um bocado

desesperadas. Olhe, um dia eu próprio recebi uma, enviada por uma entidade do candomblé brasileiro, que escrevia: “ME LIGA, PÔXA!”. O desespero estava torná-los mais eloquentes.

- Até que, dois anos depois do “incidente de Jerusalém”...
- Parou tudo! De um dia para o outro deixou de haver comunicação. Até hoje, nunca mai. Nem um faxezito.
- A que acha que se deve isso?
- Sem dúvida ao facto de não termos respondido às chamadas deles.
- Pode dizer-se que fomos malcriados, então?
- Do ponto de vista deles, talvez. Mas estamos em culturas diferentes, por assim dizer. Não comunicámos porque não nos deram o número e a morada. Problema deles, portanto.
- O que acha que, no fundo, aconteceu?
- Olhe, tenho uma teoria. Eles existem, e são muitos. Vivem num sítio qualquer que deve ser um bocado aborrecido. Um dia descobriram que conseguiam penetrar nas telecomunicações. Conseguiram uns rudimentos da nossa linguagem. Puseram-se a comunicar. Mas sem tecnologia – nem um número 0800 conseguiram instalar, ou uma “home page”! Ficaram dependentes, estavam sempre “contactáveis”. Queriam carinho, uma palavra amiga, sei lá...
- Que podemos fazer?
- Estamos a tentar remediar a situação. Está a contruir-se uma enorme antena emissora para transmitir uma mensagem em todas as frequências. Queremos fazer as pazes e também pedir-lhes que não tornem a entupir-nos as comunicações.
- Qual é o teor da mensagem?
- A mensagem? “Don’t worry. Be happy”.